

ETIMOLOGIA DO LATIM NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: PALAVRAS E GENEALOGIA

ETYMOLOGY OF LATIN IN SOCIOLOGY TEACHING: WORDS AND GENEALOGY

R. C. LOPES^{1*}.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Doutorando no Programa de Pós-graduação em Sociologia, Brasil

ARTICLE INFO

Article history:
Received 2018-04-13
Accepted 2018-04-30
Available online 2018-05-02

Palavras-chave: Etimologia. Latim. Ensino de sociologia. Genealogia.

Keywords: Etymology. Latin. Sociology's education. Genealogy.

*Autor correspondente:
E-mail: rshicardo@hotmail.com.br

RESUMO. *Este trabalho trata da inserção da etimologia do latim em aulas de sociologia. Ela aparece em nosso processo didático através da ilustração da origem de palavras que são de uso corrente nos dias atuais, como, por exemplo "trabalho", que vem de "tripalium", e há um sentido cultural para essa transformação, também abordada pela metodologia, mesmo que de maneira não exaustiva, como seria em outras disciplinas. Pretendemos, a partir desse enfoque, gerar uma genealogia, no sentido da epistemologia foucaultiana, que mostra a utilização de uma palavra (ou um conceito) através da dimensão diacrônica para deduzir como as palavras são portadoras de relações de poder de muitas naturezas. Assim, as relações sociais, fundadas em processos comunicativos, perdem seu status de estabelecidas ao mostrar que a língua não é só um vínculo de transmissão, mas sim que possui a incorporação de muitas dimensões culturais e históricas que afetam a nossa própria experiência da vivência social.*

ABSTRACT. *This work deals with the insertion of the etymology of Latin in sociology classes. It appears in our didactic process through the illustration of the origin of words that are commonly used today, such as "work", which comes from "tripalium", and there is a cultural sense for this transformation, also addressed by the methodology, even if not exhaustively, as it would be in other disciplines. We intend from this approach to generate a genealogy, in the sense of Foucauldian epistemology, which shows the use of a word (or a concept) through the diachronic dimension to deduce how words are carriers of power relationships of many natures. Thus, social relations, founded on communicative processes, lose their established status by showing that language is not only a transmission link, but rather it has the incorporation of many cultural and historical dimensions that affect our own experience of social experience.*

INTRODUÇÃO

A sociologia voltou aos currículos das escolas no ano de 2008 (LOPES, BALDASSO, 2015, p.2, BRIDI, 2009) – mesmo que apenas no Ensino Médio, e ainda que esteja em vias de perder seu caráter de obrigatoriedade – juntamente com o ensino de filosofia. Esse recente retorno acarreta alguns desafios extras para além dos já esperados do ponto de vista didático. Segundo Bridi (2009), existem no mínimo três desafios.

O primeiro é aquele comum a todas as disciplinas iniciantes, como a questão da legitimidade desse saber no espaço escolar: "Primeiro, porque não existe ainda uma grande produção de materiais destinados ao ensino desta disciplina e para esta etapa da escolarização, o que nos faz

também pesquisadores” (BRIDI, 2009, p. 136). É claro que, de fato, a sociologia não é totalmente recente no currículo escolar. Ela de fato foi e voltou ao currículo. Mas o que não quer dizer que os alunos sabem dessa trajetória e o que faz a prática não levar em conta esse elemento.

Outro elemento é o de que: “[...] uma disciplina que pode ser vista e recebida como cultura dispensável, pelo fato de não ser obrigatória em muitos exames vestibulares e, por isso, temos de nos convencer de sua importância na formação cultural e cidadã do aluno” (BRIDI, 2009, p. 136). Um agravante desse quadro acontece quando percebemos a sociedade brasileira como bastante autoritária e tuteladora, de modo que os saberes da sociologia não aparecem com uma utilidade instrumental pronunciada. Isso porque a sociologia se refere ao chamado mundo da vida:

O terceiro e, talvez, maior desafio está relacionado ao objeto da Sociologia e o seu caráter de ciência. Trata-se de um conhecimento que difere da livre opinião, dos saberes e das ideologias que circulam em nossa vida. É um conhecimento que, embora não seja único, absoluto, passou pelo crivo da ciência, da pesquisa científica, exigindo leitura compatível a essa condição (BRIDI, 2009, p.137)

Nesse caso, o professor acaba por buscar ferramentas que aumentem o interesse dos alunos para que estes enxerguem na matéria alguma relevância para a sua vida prática, no chamado mundo da vida (HABERMAS, 1990). A ferramenta que propomos explorar, neste espaço, é a do uso da etimologia do latim como doadora de materialidade empírica para a utilização da genealogia foucaultiana, que é um dos recursos possíveis para um ensino mais interdisciplinar.

Portanto, nosso percurso argumentativo será o seguinte: primeiramente entender a etimologia como materialidade linguística que permite uma superação parcial da concepção corrente da transparência da língua; depois, vamos pensar como integrá-la ao ensino de sociologia. Por último, vamos mostrar exemplos de aplicação dos desenvolvimentos propostos aqui.

CULTURA E PALAVRA

A comunicação não é um privilégio humano. Todos os seres têm a possibilidade de comunicar, de uma maneira ou de outra. Aliás, para os seres humanos, a comunicação é uma necessidade: desde que se desvincula da unidade com sua mãe, o indivíduo busca essa unidade perdida através de sua associação com outros seres humanos através de atividades (HONNETH, 2009) que engendram a comunicação. Ou seja, comunicar é uma necessidade para a estabilidade psíquica do indivíduo em si.

Tal comunicação é feita a partir de palavras, que são uma maneira de nos aproximarmos em significado sem necessariamente nos aproximarmos fisicamente – visto que a aproximação em algumas relações não amadurecidas pode ser visto como um momento de desconforto (JOAS, KNÖBL, 2009). Ou seja, as palavras são uma maneira de nos presentificarmos em significado para além do contato corporal, e servem para nos comunicarmos. E as palavras, por estarem inseridas em um contexto (JOVCHELOVITCH, 2008), variam de significado de acordo com ele.

Exatamente por esse caráter importante na comunicação, a palavra foi estudada por alguns autores das ciências sociais e da filosofia. Queremos aqui mostrar alguns posicionamentos.

O primeiro deles é a noção de Ludwig Wittgenstein, filósofo que se dedicou a estudos de Filosofia Analítica. Esta disciplina se dedica a estudar a conceituação cotidiana de objetos tipicamente filosóficos. Ou seja, para além de estudar uma razoabilidade das ideias filosóficas, submetendo-as a

contra-argumentações, o objetivo de um filósofo analista centra-se em entender como terceiros expressam conceitos.

Wittgenstein acreditava que o pensamento se expressava através da linguagem (WITTGENSTEIN, 2012). Ou seja, quem pensa acaba sempre o fazendo a partir de uma narrativa executada a partir da linguagem. Nesse sentido, quem pensa “fala” para si. Vamos observar que as ciências que lidam com a linguagem utilizam muito essa ideia, como a comunicação (ESTRANHO, 1996).

O antropólogo Claude Levi-Strauss (2008) partilhava deste pressuposto. De modo que, para entender o “pensamento selvagem”, lançou mão da linguística. Por isso estudou o linguista estrutural Ferdinand Saussure. Desse modo, o significante nunca é igual ao significado: uma palavra (significante) pode possuir diferentes significados. Por isso o signo, para Saussure, é aleatório, porque o significante pode assumir diferentes significados, ele não é definido anteriormente ao processo comunicativo.

O filósofo Michel Foucault (2007), em seu livro “As Palavras e as Coisas”, pensa de maneira genealógica: os gregos associavam as palavras e as coisas no sentido de que o mundo externo já seria dotado de um significado prévio. A partir de Immanuel Kant e de outros desenvolvimentos teóricos - como a teoria da relatividade - as palavras já começaram a se descolar das coisas. O mundo exterior não é mais pré-existente de maneira consensual entre os intelectuais: para alguns deles, ele é criado justamente pela mente humana.

Nesse sentido, o discurso foucaultiano é essencial para entender os micropoderes. Talvez por conta de todas essas características:

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (BUENDÍA, 2002, p. 20)

Ou seja, as palavras são arenas de disputas de sentido, e daí a sua relevância para as ciências sociais. Mas, para além de esse interesse ser de pesquisa, ele também pode aparecer na sala de aula como disparador de problematizações didáticas.

ETIMOLOGIA COMO MATERIALIDADE LINGUÍSTICA

A Etimologia é uma disciplina que estuda a transformação das palavras de uma perspectiva formal, observando a variação morfológica delas. Isso porque toda a palavra possui uma raiz que forma famílias:

A partir de um conhecimento de uma raiz é possível derivar inúmeras palavras, formando “famílias”, com a vantagem de que, conhecendo as regras das formações dos derivados, os interessados podem substituir o velho hábito de “decorar” aquilo que estudam por uma compreensão do sentido real das palavras-chave que estão perdidas e transfiguradas no decorrer do tempo. Outro aspecto importante referente à etimologia é o de levar em conta que, ao longo de séculos, as palavras evoluíram e ganharam novos significados, além do que se formaram inúmeros dialetos dentro de

um mesmo idioma e de diferentes províncias de uma mesma nação (ZIMERMAN, 2012, p. 15).

Nosso interesse não se centra nos dialetos, mas justamente nessa evolução e mudança de significados. Ademais, é possível também se fazer uma etimologia da palavra “etimologia”:

Embora o vocabulário étimo em grego signifique verdadeiro, isso não afiança que o estudo (logos) da origem real das palavras seja sempre verdadeiro, não só porque existem muitas especulações sem um maior rigor científico, mas também pela razão de que a grande importância da etimologia é a de acompanhar a evolução do significado prático das palavras (até o momento vigente na vida e no interesse do leitor). É inevitável que os verdadeiros significados se transformem, sucessivamente, com o correr dos séculos, ou milênios, e muito em função da cultura e dos costumes predominantes em determinada nação, ou em uma determinada época, de modo que o verdadeiro significado é sempre o da atualidade (ZIMERMAN, 2012, p.16).

Portanto, rompendo com a ideia de buscar a essência (o real), a etimologia está preocupada com o processo de mudança da palavra, de sua evolução em significado prático, transformado pela cultura. O nosso objeto, no entanto, é uma etimologia do português buscando nele o latim, para ajudar a entender um mecanismo da língua como produtora de significados. Assim, é interessante localizarmos essa língua tanto no tempo como no espaço, buscando uma atitude de vigilância epistemológica de rompimento com impressões primeiras (BOURDIEU, 2007). Essa busca também nos conduz a aspectos que podem ajudar a pensar mudanças culturais em relação à língua, tal como afirmou Zimmerman anteriormente.

O Latim, como língua, começou a ser falado no Império Romano (BASSETTO, 2001, p.195), e passou por diferentes fases ao decorrer de seu espalhamento. Essa do império é chamada de fase latina, mas a língua passou ainda pela fase romance e pela fase das línguas românicas modernas, o romeno, o dalmático, o italiano, o dialeto sardo, entre outras variações que foram aparecendo no decorrer do tempo (BASSETTO, 2001, p.213). No Brasil, o latim foi disciplina escolar enquanto o modelo francês de educação vigia.

O estudo etimológico do latim acaba por favorecer essa concepção de desnaturalizar a língua, bem como permitir uma proximidade com outras disciplinas, que, tal como o cristianismo, utilizam o latim como “língua sagrada” (DURKHEIM, 2010, p.178):

Não obstante, se a Igreja desempenhou realmente este papel, foi tendo em conta uma contradição contra a qual se debateu durante séculos sem nunca poder sair dela. Com efeito, nesses monumentos literários e artísticos da Antiguidade vivia e respirava este espírito pagão cuja destruição a Igreja considerava tarefa sua [...] com efeito, antes de mais nada, o latim era irremediavelmente a língua da Igreja, a língua sagrada em que estavam redigidos os cânones da fé.

Assim, para além das afinidades que o uso da etimologia do latim já traz por conta da afinidade de recortes – no compartilhamento do giro linguístico – há ainda essa ponte que é possível realizar com outras disciplinas que utilizam essas nomenclaturas científicas para formular conceitos técnicos, como, por exemplo, os conceitos de eucarioto e procarioto, que têm origem etimológica de fácil localização.

ENSINO DE SOCIOLOGIA, LÍNGUA E GENEALOGIA

Atualmente, a língua como modalidade comunicativa tende a ser concebida por não estudiosos¹ destas (segundo muitas perspectivas) como transparente (ORLANDI, 1996, p. 23), em uma concepção ingênua que coloca a língua como transmissora do real, e não como mediadora da percepção dele. Essa concepção mais corrente interfere diretamente no ensino de sociologia: se este pretende mostrar o substrato cultural por trás de atos corriqueiros - como piadas, alcunhas, classificações - que “escondem” relações de força, a concepção de transparência não permite a reflexividade do uso da língua como ordenadora do social, e atos linguísticos acabam sendo vistos como não iminentes ou socialmente irrelevantes.

Acreditamos que esse pensamento possa ser ilustrado a partir do ditado popular: “Paus e pedras podem te ferir, mas palavras nunca vão te machucar”. Esse pensamento coloca a fala como instrumento neutro, incapaz de cometer violências, nem mesmo as simbólicas.

Se na matemática, disciplina que conta com axiomas² fixos (BLACKBURN, 2001, p. 17), já há uma discordância do modo como esta deve ser ensinada no ensino básico - se através das ideias da matemática-em-si ou se através da utilidade cotidiana desse conhecimento (DOS SANTOS, 2014, p. 2) - a educação em sociologia, disciplina que não possui esses axiomas inquestionáveis, acaba por se revestir de muito mais controvérsias com relação a esse mesmo assunto. Por essa razão, o foco será em uma concepção específica, que desenvolvemos em outro trabalho de como concebemos o ensino de sociologia para tornar mais clara a inserção da etimologia dentro deste quadro.

Essa metodologia foi desenvolvida a partir do exercício da docência em um curso pré-vestibular porto-alegrense chamado Organização Não Governamental Por uma Educação Popular (ONGEP) no tocante à metodologia de exposição, pois o público-alvo dessa iniciativa estava mais interessado em colher informações para o vestibular do que propriamente se tornarem autônomos a nível escolar. O autor está trabalhando neste curso desde o ano de 2013, lecionando Sociologia e fazendo parte da Coordenação Pedagógica da organização. Mas na questão do engajamento dos alunos na aula, isso sem dúvida foi pensado a partir do estágio, daí a ideia de utilizar jogos que produzam a imersão do aluno.

Consideramos a sociologia como a disciplina que permite o exercício da apreciação moral a partir dos elementos contextuais, culturais e biológicos, utilizando-se de evidências. O objetivo é predispor o aluno para o diálogo permanente com o diferente a partir dele mesmo, e não a partir de seus próprios parâmetros. Para atingir esse fim, estruturamos o nosso curso em três módulos: o de introdução (que mostra a utilidade da sociologia para além da sua aparição em concursos), o de socialização (que serve para estudar as instituições modernas socializadoras para perceber a herança delas em nós) e o de atualidades (que usa os desenvolvimentos teóricos dos outros módulos para apreciar o mundo atual com outros olhos). O objetivo é mostrar a composição do sujeito, de como muito de seu julgamento é composto por essa socialização, para permitir ou a sua recusa ou a sua defesa mais qualificada (LOPES e BALDASSO, 2015).

¹ Utilizamos a palavra “atualmente” porque sabemos que a concepção de língua, com algumas exceções, antes do Giro Lingüístico, era dela como justamente neutra e expositora do real (ORLANDI, 1996, p.31).

² Axiomas são proposições que não precisam ser comprovadas.

Em sala de aula, o primeiro momento proposto pelo professor é o de discussão horizontal em pequenos grupos, de modo que os alunos se associam em agregados de 6 indivíduos para discutir as questões que o professor elaborou e colocou no quadro. Em seguida a discussão é dividida com o professor, que tenta organizar os pontos colocados pelos alunos sistematicamente para que estes possam se defrontar com seus conhecimentos. No terceiro e último momento, o professor traz para a aula um resgate cultural da temática discutida pelos grupos, contemplando as discussões sociológicas, em uma aula, aí sim, expositivo-dialogada. E é justamente nesse último momento em que a etimologia se encaixa (LOPES e BALDASSO, 2015), porque ela faz parte desse resgate. Como veremos mais adiante, ela é o primeiro passo, porque decompor as palavras dos assuntos é uma maneira de introduzi-lo integrando outras disciplinas para além da sociologia.

Assim, se o primeiro passo da aula de sociologia é a reflexão sobre o já estabelecido como pré-requisito para a aula expositivo-dialogada, o segundo passo será o de mostrar como as palavras (os significantes) podem ter diferentes significados para diferentes sociedades. Buscamos essa abordagem sem incentivar uma oposição binária nós-outros, uma vez que a nossa identidade é composta pela presença desse outro (DA SILVA, 2000, p. 56).

Nesse sentido, a etimologia acaba por ser uma das possibilidades didáticas de, dentro das ciências sociais e das ciências da linguagem, superar a concepção corrente da língua como transparente. Quando a materialidade linguística coletada pela etimologia está colocada, podemos avançar para uma genealogia, que vai dar conta do ambiente cultural envolvido na transformação dessa palavra, para assim entrar o aporte sociológico.

A genealogia é um recurso metodológico que pretende analisar um problema, procurar por indícios, por discontinuidades, e não por causas que estabeleçam uma continuidade temporal (FONSECA, 2012, p. 13), papel reservado à investigação histórica. A Genealogia, a rigor, seguiria quatro regras: 1) escolha do material em função dos dados do problema, 2) focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolver esse problema, 3) estabelecimento das relações que permitem essa solução e 4) indiferença com a obrigação da exaustão do material (adaptado de NETO, 2008, p.537). Vamos aplicar essa metodologia fortemente quando trouxermos exemplos da aula na penúltima seção, quando aplicaremos o casamento proposto no decorrer do artigo entre etimologia e ensino de sociologia.

TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Talvez seja possível afirmar que qualquer palavra possui uma origem etimológica muito rica, uma vez que se trata de uma prática humana. Mas, também nesse sentido, não nos interessa apresentar essa riqueza de uma perspectiva acadêmica. É preciso “modificar” essa riqueza para que ela possa ser comunicável ao aluno. Propomos que essa mudança se dê através do processo de transposição didática:

A necessidade de se ensinar o conhecimento leva à necessidade de modificá-lo - e essa modificação é chamada de transposição didática. Ao entrarem para a escola, os objetos de conhecimento – o saber científico ou as práticas sociais – convertem-se em “objetos de ensino”, isto é, em conteúdo curricular (MELLO, 2012, p.1).

Ou seja, se o conhecimento acadêmico antes estava inserido em sistemas simbólicos, que dão origem aos conceitos sistêmicos, ele precisa ser inserido num novo sistema, que é o do currículo (dotado de seus objetivos e de outras premissas). Essa tarefa cabe à escola, que traduz o conhecimento:

É tarefa da educação escolar a conversão do saber objetivo em saber escolar, de modo a torná-lo assimilável pelos alunos [...] tal processo de conversão nos encaminha ao estudo da Transposição Didática, que todo o professor de alguma forma realiza, no esforço de possibilitar ao aluno a apropriação e a reconstrução daquele saber (GRILLO, 1999, p. 4).

Mas é importante ressaltar que a escola também populariza a ciência (KNORR-CETINA, 1999). De qualquer forma, o objetivo é possibilitar a apropriação e reconstrução desse saber - “saberes objetivos, eruditos ou sociais, oriundos da cultura extra-escolar” (MELLO, 2012).

Ou seja, há sempre uma proposta pedagógica no fundo de um processo de transposição didática, que quer desenvolver competências específicas para a área de estudo:

Como já vimos, a proposta pedagógica é uma articuladora de intenções educativas onde se definem as competências, os conteúdos, os recursos e os meios. A proposta pedagógica entra em ação pela transposição didática. É por meio desta que as intenções educativas, as competências a serem desenvolvidas nortearão a escolha, tratamento, recorte, partição dos conteúdos que darão conta de tornar viável o que foi anteriormente consensuado (MELLO, 2012).

Para acontecer de fato a transposição, são dois recursos os mais importantes para a consecução desse objetivo, a interdisciplinaridade e a contextualização, nos quais não vamos entrar em detalhes neste espaço, mas que precisam agir de forma triangular com a transposição:

Os dois recursos mais importantes para instrumentalizar a transposição didática são chamados de interdisciplinaridade e contextualização. Transposição didática, interdisciplinaridade e contextualização são na verdade três facetas inseparáveis de um mesmo processo complexo: transformar o conhecimento em conhecimento escolar a ser ensinado; definir o tratamento a ser dado a esse conteúdo e tomar as decisões didáticas e metodológicas que vão orientar a atividade do professor e dos alunos com o objetivo de construir um ambiente de aprendizagem eficaz (MELLO, 2012).

Assim, podemos identificar alguns aspectos para que possa ocorrer a transposição de fato:

A transposição didática ocorre permanentemente, por exemplo, quando:

- i. o conteúdo é selecionado ou recortado de acordo com o que o professor considera relevante para constituir as competências consensuadas na proposta pedagógica;
- ii. alguns aspectos ou temas são mais enfatizados, reforçados ou diminuídos;
- iii. o conhecimento é dividido para facilitar a sua compreensão e depois o professor volta a estabelecer a relação entre aquilo que foi dividido;

-
- iv. distribui-se o conteúdo no tempo para organizar uma seqüência, um ordenamento, uma série linear ou não linear de conceitos e relações;
 - v. determina-se uma forma de organizar e apresentar os conteúdos, como por meio de textos, gráficos, entre outros.

Ou seja, não se trata apenas de um fatiamento ou simplificação do conteúdo acadêmico. Não se trata de um processo de “decadência” dele. Se trata de transformar esse conteúdo em um artigo comunicável, com vistas a tornar a aula de sociologia interessante para o aluno e diminuir a sensação de alguns alunos de que “isso [o conhecimento escolar] não é para mim”.

Já vimos como o conhecimento original se forma. Já vimos também como vamos adaptá-lo para o contexto escolar, buscando ensinar o diálogo entre os alunos, com o objetivo de desenvolver as competências da disciplina sociologia, preconizadas pela Orientações Curriculares Nacionais (2006). São três campos: representação e comunicação, investigação e compreensão e contextualização sociocultural, os quais pretendemos apresentar brevemente nesse momento:

O primeiro campo, representação e comunicação, aponta para as seguintes competências:

- 1) Identificar, analisar e comparar os diferentes discursos sobre a realidade: as explicações das Ciências Sociais, amparadas nos vários paradigmas teóricos, e as do senso comum.
- 2) Produzir novos discursos sobre as diferentes realidades sociais, a partir das observações e reflexões realizadas (OCN, 2006, p.90)

Com relação ao segundo campo:

No segundo campo, investigação e compreensão as competências são:

- 1) Construir instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a “visão de mundo” e o “horizonte de expectativas” nas relações interpessoais com os vários grupos sociais.
- 2) Construir uma visão mais crítica da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, avaliando o papel ideológico do “marketing”, como estratégia de persuasão do consumidor e do próprio eleitor.
- 3) Compreender e valorizar as diferentes manifestações culturais de etnias e segmentos sociais, agindo de modo a preservar o direito à diversidade, enquanto princípio estético, político e ético que supera conflitos e tensões do mundo atual (OCN, 2006, p.90)

Por fim, no terceiro campo:

No terceiro campo, contextualização sociocultural, as competências são:

- 1) Compreender as transformações no mundo do trabalho e o novo perfil de qualificação exigida, gerados por mudanças na ordem econômica;
- 2) Construir a identidade social e política de modo a viabilizar o exercício da cidadania plena, no contexto do Estado de Direito, atuando para que haja, efetivamente, uma reciprocidade

de direitos e deveres entre o poder público e o cidadão e, também, entre os diferentes grupos (OCN, 2006, p.90)

Estabelecidos esses critérios, podemos agora avançar para exemplos que elaboramos para colocar esta metodologia em curso, para assim poderem ser aplicados ou adaptados em aulas para o Ensino Médio.

EXEMPLOS DE APLICAÇÃO: SOCIEDADE, TRABALHO, CORRUPÇÃO E SECULARIZAÇÃO

Nesta seção gostaríamos de demonstrar algumas aplicações possíveis em sala de aula das articulações teóricas propostas anteriormente. Elas se abriram como campo de possibilidade a partir das observações e práticas, quando analisamos alguns componentes das dinâmicas das aulas. Por essa razão, vamos buscar quatro palavras que possuem uma definição ordinária cuja problematização é construída a partir da definição etimológica, para depois trabalhá-la na perspectiva da transposição didática. Nosso procedimento será o que propomos até aqui no artigo: expor a palavra, a sua derivação e, a partir daí evocar a mudança de seu significado cultural a partir da genealogia, percorrendo os fatores externos à língua na mudança da palavra.

Durante a primeira aula apresentamos a sociologia. Para isso, começamos através da decomposição da própria expressão “Sociologia”. O grego *logos* é o “discurso sobre”. Mas há o *socium*, que vem do latim e significa “companheiro, camarada”. Interessante notar, no entanto, que *socium* se originou da palavra *sequi*, que significa seguir em latim, talvez um resquício de usos nômades ou de transumâncias.

Didaticamente, podemos pensar o social como esse estabelecimento de uma ligação que amplia ao sujeito. Na primeira aula, então, pode-se pensar uma pergunta disparadora a partir de uma dinâmica adaptada da dinâmica da toca do coelho (s/d).

Os alunos estarão espalhados pelo espaço disponível, separados em “grupos” e “novatos”. Os grupos são formados por dois alunos que dão as mãos formando uma espécie de casa. O novato, por sua vez, deverá ficar dentro de um grupo. Se possível, o professor deverá deixar um novato sobrando (sem grupo, desabrigado). O professor combina com os alunos que ao apitar uma vez, os novatos deverão trocar de grupo. Todos os novatos correm para achar um novo grupo, inclusive o novato que estava “desabrigado” no início da atividade. Sempre sobrar um novato. O professor também poderá fazer o inverso e combinar com os alunos que ao apitar duas vezes, os grupos deverão trocar de lugar e os novatos, por sua vez, deverão continuar no parados no mesmo lugar.

Depois da dinâmica, pergunta-se a cada um dos novatos como eles se sentiram indo atrás de grupos; e como os grupos se sentiram tendo de se coordenar para buscar novos membros, tendo de escolher entre os alunos disponíveis. Depois de escutar os alunos e interagir com eles, passa-se para a parte mais sociológica: se estes acreditam que a ligação social atual – o estado brasileiro - é realizada e mantida através do conflito, ou se é através da harmonia. Sociologicamente, este laço foi sendo ressignificado: a modernidade e seus contratos sociais reforçaram a ideia de associação entre estado e indivíduo, muitas vezes mantido através do controle (PEREIRA CHAINHO GANDINI, 1992, p. 38).

A outra palavra é trabalho, que abre as reflexões sociológicas sobre a sociologia do trabalho. A origem dessa palavra é em *tripalium*, que primeiramente era um instrumento utilizado na lavoura,

mas que deu nome para um instrumento de tortura em Roma. Na idade média também assumiu esse significado, mas no final dela se associa com o termo *labore*, consolidando-se essa parceria durante a Revolução Urbana, quando o trabalho assumiu lugar central na ordem social e acabou por perder de maneira parcial sua condição de indignidade. Mas essa carga negativa acabou persistindo em alguns trabalhos manuais: o trabalho aparecia como um interdito para os nobres e para o clero, o que provavelmente remeteria à impureza do trabalho, que é descrito na bíblia como sofrimento em relação à vida sem trabalho do Jardim do Éden, do qual o homem foi expulso por ser impuro. Nesse momento, passa a ser possível justamente teorizar sobre a má-remuneração das profissões manuais, e como isso se reflete nas relações sociais atuais.

O penúltimo exemplo que gostaríamos de mobilizar é a palavra *corrupção*. Ela vem do latim *corruptio*, que significa “deteriorar”, e está muito atual em nosso contexto. Mas só há deterioração justamente quando se muda o estado de algo. Vamos observar que esse parâmetro é descrito socialmente: na idade média ela se referia ao mundo, à situação das pestes e de crises agrárias que mostravam a deterioração rumo ao Juízo Final. Mas na idade moderna, com a separação específica da esfera privada da esfera pública já é possível perceber que a *corrupção* se junta a uma gramática política significando a mistura dessas esferas por parte dos detentores do poder político. Essa ideia de deteriorar passa justamente a designar um desvio do ideal da política moderna em purificar as ditas esferas. Propomos uma discussão a partir da discussão de um vídeo da internet, o do Teste de Honestidade ³, levantando os seguintes pontos:

- 1 – *Corrupção* é apenas na política?
- 2 – Que *corrupções* tenho no dia a dia?
- 3 – Por que a *corrupção* aconteceu nesse vídeo? É fato isolado?

A última palavra, que não é um termo de uso corrente - mas quando é apresentado ao aluno como explicativo acaba por se perder em tecnicidades - é a *secularização*, que descreve o processo de separação do pensamento religioso de outras modalidades de conhecimento – como o político, o filosófico, o artístico. A palavra *seculum* se origina de uma concepção de lugar na idade média: as áreas físicas que não concentram o sagrado eram chamadas assim, enquanto os lugares que concentram o sagrado (como os mosteiros e as Igrejas) eram os *regularis* (TAYLOR, 2010, p.212).

A palavra se transformou em processo quando da teorização sobre o processo de modernização (MARIANO, 2011, p.120), o que mostra um uso analítico e não uma definição de territorialidade. Daí a já clássica diferenciação entre clero regular - o que permanece fora do mundo, na expressão de Weber (2004) - e o clero secular - o que está no mundo. Essa resignificação da palavra nos faz observar os conflitos entre as esferas e o lugar da religião: ela pertenceria à qual das esferas? Todas essas teorizações a partir dessa etimologia permite a complexificação do debate, que não fica restrito apenas à colocação da religião na dimensão privada, como costuma acontecer em muitas discussões sobre esse assunto.

Para a realização desse exercício, pode-se pensar o cristianismo na cultura brasileira a partir de um debate em torno de fotos de crucifixos em lugares públicos. Os alunos devem se dividir entre quem defende e quem é contra os crucifixos, começados a partir de fotos. A partir dessas etapas,

³ https://www.youtube.com/watch?v=4k1bj_sK3i8

devem realizar uma pesquisa em ambientes virtuais para levantar elementos que possam ajudar na construção de argumentos. Em aula os alunos vão precisar transformar esses processos anteriores em comunicação interpessoal. É, possível, portanto, trabalhar-se muitas competências das OCN simultânea e também sequencialmente.

Por fim, recomendamos que o professor sempre opere com planejamentos e relatórios, porque são esses recursos que permitem que se façam avaliações e incrementos na prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos sugerir uma utilização da etimologia de latim para aulas de sociologia, através de uma genealogia que se alimenta desse material fornecido pela etimologia: a palavra e a sua mudança. Assim, buscamos superar a transparência da língua e complexificá-la enquanto construtora e construída pela percepção da realidade.

Gostaríamos de fazer algumas reflexões acerca do problema sociedade e língua, que foram oportunizadas pela escrita do artigo. A primeira delas é de que o espaço da sala de aula é o ideal para o começo de uma reflexão sobre a língua, e que a sociologia, ao poder se focar apenas na dimensão cultural, pode complementar as análises formais que mostram que a língua é um fenômeno complexo, sem colocar o social entre parêntesis. A sociologia pode ilustrar como a língua é um repositório de infinitas noções ao longo das culturas, e a variabilidade delas complexifica a questão do que é a língua e ajuda no combate à transparência. Os professores das disciplinas, no geral, comungam dessa não-ingenuidade, mas talvez seja pertinente uma maior integração para conseguir consolidar esse “rastros empírico” que pode legitimar essas teorias diante de alunos tão “imanentizados” por outras teias de sociabilidade. Tudo isso ajudaria a consolidar o Giro Linguístico na dimensão ordinária da vida.

Tal qual Vandenberghe (2015, p. 65), que pensa que a filosofia pode adicionar um ingrediente de erudição de suas discussões à sociologia (mesmo que essa não seja a única contribuição dessa disciplina), podemos pensar que os estudos da linguagem podem adicionar também um outro tipo de erudição, que pode ser muito benéfica para o ensino de sociologia, que está na palavra como objeto e ponto de partida. Esta que não tem possibilidade de não estar presente na vida e no cotidiano dos alunos, o que nem sempre acontece com as grandes estruturas econômico-sociais descritas pelos sociólogos, que parecem muito abstratas e, portanto, longe dos centros de interesse dos discentes do ensino básico, o que deslegitima a disciplina diante dos alunos,

Por último, de uma perspectiva mais prática, parece-nos que é possível fazer uma ponte entre o latim – que muitas vezes é concebido como um veículo de diferenciação social por pertencer ao que denominamos em outro momento como um projeto de alta cultura (LOPES, BALDASSO, 2014, p.54) – e o ensino básico público, no qual ele não é ensinado no currículo escolar. Isto porque mostramos que essa língua, apesar de ser considerada “morta” pela vida ordinária, está presente como herança e pode ajudar a explicar a nossa cultura. Esforços como o que estamos propondo podem ajudar a tirá-la do pedestal da alta cultura e a trazer para a dinâmica social, interagindo e transformando na medida em que se transforma.

REFERÊNCIAS

- BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: EdUSP, 2001.
- BLACKBURN, Simon. *Pense, Uma Introdução à Filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2001.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas-Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *O Ofício do Sociólogo*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.
- BRIDI, M. A. *Estratégias Metodológicas e Avaliativas*. In: Ensinar e Aprender Sociologia no EM. São Paulo: Contexto, 2009.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DINÂMICA DO COELHO SAI DA TOCA. Sem Data. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/25477752/111-Atividades-Para-Educacao-Fisica>. >. Acessado em: maio de 2018.
- DOS SANTOS, Gilberto Silva. *Da parresía à realidade: pensando a constituição docente na educação matemática contemporânea*. Contraponto, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 69-83, fev.2015.
- DURKHEIM, Émile. *A evolução pedagógica na França*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- ESTRANHO, Atrator. *Linguagens e Tecnologia*. Ano III, n. 23, 1996.
- FONSECA, Tana Mara Galli. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GRILLO, Marlene et al. *Transposição didática: Uma criação ou recriação cotidiana*. ANPESUL, 2, 1999. Anais... Curitiba: UFPR, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Boitempo, 1990.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- JOAS, Hans; KNÖBL, Wolfgang. *Social theory: twenty introductory lectures*. Cambridge University Press, 2009.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KNORR-CETINA, Karin. *A comunicação na ciência*. In: GIL, Fernando (ed.). *A Ciência tal qual se Faz*. Lisbon: Edições João Sá da Costa, 1999.
- LOPES, Ricardo Cortez, BALDASSO, Júlio César. *Experiência de ensino de sociologia no curso popular ONGEP– Organização Não-governamental para a Educação Popular*. Anais do IV Encontro Nacional de Ensino de Sociologia no Ensino Básico. São Leopoldo: UNISINOS, 2015.
- LOPES, Ricardo Cortez; BALDASSO, Júlio César. *Debate desde a caverna sobre o triângulo: filosofia, Valesca Popozuda e presidente da ABF*. *Kínesis*, Marília, v. 6, n. 12, p. 38-57, dez. 2014.

-
- MARIANO, Ricardo. *Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais*. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p.111-125, mar. 2003.
- MELLO, Guiomar Namó de. Transposição didática, interdisciplinaridade e contextualização. Disponível em: <http://www.namodemello.com.br/outros.html>, acesso em 07/11/2012.
- NETO, João Leite Ferreira. A experiência da pesquisa e da orientação: uma análise genealógica. *Fractal*, Rio de Janeiro, v. 20, n.2, p. 534-546, mar. 2008.
- ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO: Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília, Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica: 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Cortez, 1996.
- PEREIRA CHAINHO GANDINI, Raquel. Notas sobre a construção do Estado-nação e a educação pública. *Pro-Posições*, Campinas, v. 3, n. 8, p. 28-40, fev. 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2010.
- VANDENBERGHE, Frédéric. *A Sociologia como uma Filosofia Prática e Moral (e vice-versa)*. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p.60-109, jun. 2015.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 1994.
- ZIMMERMAN, David E. *Etimologia de termos psicanalíticos*. Porto Alegre: Artmed, 2012.